Plataforma Organizacional dos Comunistas Libertarios

Zabalaza Books

"Knowledge is the Key to be Free"

Post: Postnet Suite 116, Private Bag X42,
Braamfontein, 2017, Johannesburg, South Africa
E-Mail: zababooks@zabalaza.net
Website: www.zabalaza.net/zababooks

Tradução: Alvimar Bessa
mail: projetoperiferia@ig.com.br

Translation by FAG - Federação Anarquista Gaucha

Plataforma Organizacional dos Comunistas Libertarios

★ Prefacio

Em 1926 um grupo de anarquistas russos exilados na Francia, o grupo *Dielo Trouda* (A Causa dos Trabalhadores), publicou este panfleto. Não surgiu de nenhum estudo teórico, mas de suas experiencias na revolução russa de 1917. Eles contribuiram para a desintegração da velha classe dirigente, paticiparam no florecimento da autogestão dos trabalhadores e camponeses, compartilharam o otimismo existente acerca de um novo mundo de socialismo e liberdade... e viram tudo isso ser subtituido pelo Capitalismo Estatal e pela ditadura do partido Bolchevique.

O movimento anarquista russo exerceu um papel importante na revolução. Na época existiam cerca de 10.000 anarquistas ativos na Russia, sem incluir o movimento liderado na Ucrania por Nestor Makhno. Haviam pelo menos quatro anarquistas no Comitê Militar Revolucionario (dominado pelos bolcheviques), que tomou o poder em Outubro. E, mais importante que isso, os anarquistas estavam envolvidos nos comites de fabricas que surgiram logo apos a revolucao de fevereiro.

A base destes eram os locais de trabalho, eleitos por assembleias massivas de trabalhadores, e tinham como função supervisionar a fábrica e coordenar-se com outros locais de trabalho no mesmo ramo de industria ou regiao. Os anarquistas foram particularmente influentes entre os mineiros, estivadores, padeiros e exerceram um importante papel na Conferencia nas Comissoes de Fábrica por toda a Russia, que se reuniram em Petrogrado quase ao final da revolucao. Eram estes comites os quais os anarquistas viam como base para uma nova autogestao que se implantaria atraves da revolucao.

Sem embargo, o espirito revolucionario e a unidade de outubro não durou muito. Os bolcheviques ansiavam por suprimir todas aquelas forças da esquerda as quais viam como um obstáculo para exercer o poder do “partido único”. Os anarquistas e alguns outros na esquerda criam que a classe trabalhadora seria capaz de exercer o poder atraves de suas proprias comunidades e sovietes (conselhos de delegados eleitos). Os bolcheviques não. Propuseram que os trabalhadores ainda nao podiam tomar o controle de seu proprio destino, dessa forma os bolcheviques tomariam o poder como uma “medida provisoria” durante o “periodo de transicao”. esta falta de confianca nas habilidades das pessoas comuns e a tomada autoritaria do poder conduziu à traição dos interesses da classe trabalhadora, como tambem de todas suas esperanças e sonhos.

Em abril de 1918 os centros anarquistas de Moscou foram atacados, 600 anar-

anarquista funcionará corretamente, e se guiará em direção do objetivo definido.

A idéia da União Geral dos Anarquistas expõe o problema de coordenação e concordância das atividades de todas as forças do movimento anarquista.

Cada organização aderente à União representa uma célula vital do organismo todo. Cada célula deve ter seu secretariado, executando e guiando teoricamente o trabalho político e técnico da organização.

Visando a coordenação da atividade de todas as organizações aderentes da União, um órgão especial será criado: o comitê executivo da União. O comitê será responsável pelas seguintes funções: a execução das decisões tomadas pela União com as quais são confiados; a orientação teórica e organizacional da atividade de organizações isoladas consistente com as posições teóricas e a linha geral tática da União; a monitoração do estado geral do movimento; a manutenção das relações de trabalho e organizacionais entre todas as organizações da União; e com outras organizações.

Os direitos, responsabilidades e tarefas efetivas do comitê executivo são fixados pelo congresso da União. A União Geral dos Anarquistas tem uma meta concreta e determinada. Em nome do sucesso da revolução social ela deve, acima de tudo, atrair e absorver os elementos mais revolucionários e altamente críticos dos operários e camponeses.

Exaltando a revolução social, e mais ainda, sendo uma organização anti-autoritária que aspira à abolição da sociedade de classes, a União Geral dos Anarquistas depende igualmente da duas classes fundamentais da sociedade: os operários e os camponeses. Ela põe peso igual sob o trabalho de emancipação destas duas classes.

Quanto aos sindicatos dos trabalhadores e as organizações revolucionárias das cidades, a União Geral dos Anarquistas terá de dedicar todos os seus esforços para ser seu pioneiro e guia teórico.

Ela assume a mesma tarefa em relação às massas exploradas de camponeses. Assim como pretende ter o mesmo papel que o sindicato revolucionário dos trabalhadores, a União se esforça por efetivar a criação de uma rede de organizações econômicas revolucionárias dos camponeses, além disso, uma união específica de camponeses, fundada a partir de princípios anti-autoritários.

Nascida da massa de pessoas trabalhadoras, a União Geral deve tomar parte de todas as manifestações de suas vidas, levando a eles o espírito de organização, perseverança e ofensiva em todas as ocasiões. Somente desta forma ela poderá concretizar sua tarefa, sua missão teórica e histórica na revolução social dos trabalhadores, e se tornar a vanguarda organizada do seu processo de emancipação.

Nestor Makhno, Ida Mett, Piotr Arshinov,
Valevsky, Linsky
1926

olucionária, sociais e políticas, são, acima de tudo, profundamente coletivas por natureza. A atividade social revolucionária nesta áreas não pode ser baseada na responsabilidade de indivíduos militantes.

O órgão executivo do movimento anarquista geral, a União Anarquista, ao tomar uma posição definitiva contra a tática de individualismo irresponsável, introduz em seus postos o princípio de responsabilidade coletiva: a União toda será responsável pela atividade política e revolucionária de cada membro; da mesma forma, cada membro será responsável pela atividade política e revolucionária de União como um todo.

4. Federalismo

O anarquismo sempre negou o conceito de organização centralizada, tanto na área da vida social das massas quanto na sua ação política. O sistema centralizado depende na diminuição do espírito crítico, iniciativa e independência de cada indivíduo e na submissão cega das massas ao 'centro'. As conseqüências naturais e inevitáveis deste sistema são a escravidão e a mecanização da vida social e da vida da organização.

Sendo contra a centralização, o anarquismo sempre professou e defendeu o princípio de federalismo, que concilia a independência e a iniciativa dos indivíduos e da organização que servem à causa comum.

Ao conciliar a idéia de independência e alto grau dos direitos de cada indivíduo com o serviço das carências e necessidades sociais, o federalismo abre as portas para toda manifestação saudável das faculdades de todo indivíduo.

Mas, freqüentemente, o principio federalista tem sido deformado nos postos anarquistas: ele tem sido interpretado como o direito, acima de tudo, de manifestar o 'ego' de alguém, sem a obrigação de arcar com os deveres para com a organização,

Esta falsa interpretação já desorganizou nosso movimento no passado. Está na hora de pôr um fim a isso de uma forma firme e irreversível.

A federação significa a concordância livre entre indivíduos e organizações a trabalhar coletivamente em rumo a um objetivo comum.

Contudo, tal acordo e federação, que é baseada nele, só poderão se tornar realidade, ao invés de ficção ou ilusão, sob as condições essenciais de que todos os participantes do acordo e a União cumpram completamente os deveres assumidos, e conforme as decisões compartilhadas. Em se tratando de um projeto social, independente de quão vasta seja a base federalista na qual é construído, não podem haver decisões que não sejam executadas. É ainda menos admissível em uma organização anarquista, que assume exclusivamente obrigações relacionadas aos trabalhadores e sua revolução social.

Consequentemente, o tipo federalista de organização anarquista, ao mesmo tempo que reconhece os direitos de independência, opinião livre, liberdade individual e iniciativa de cada membro, requer deles que assumam deveres organizacionais fixos, e exige a execução de decisões compartilhadas.

Somente com esta condição o princípio federalista terá vida, e a organização

quistas encarcerados e dezenas deles acabaram mortos. A desculpa foi de que os anarquistas eram "incontrolaveis". Seja lá o que for que queriam dizer com isso, o certo é que simplesmente se negaram a obedecer aos líderes bolcheviques. .

A razão real foi a formação das Guardas Negras, que haviam sido criadas para lutar contra as brutais provocações e abusos da Cheka (predecessores da KGB)

Os anarquistas deveriam decidir o que fazer. Uma seção trabalhava com os bolcheviques, e se uniram a eles, todavia quando existia preocupacao quanto à eficiencia e à unidade contra a reação - Outra seção lutou duramente para defender os avanços da revolucao contra aqueles que seriam uma nova classe dominante, como corretamente vislumbravam. O movimento Makhnovista na Ucrania e o levante do Kronstadt foram as últimas batalhas importantes. Em 1921, a revolução antiautoritaria já estava morta. Sua derrota teria profundas e duradouras consequencias para o movimento internacional de trabalhadores.

Havia a esperança dos autores de que esse desastre nao ocorresse novamente. Como contribuicao, eles escreveram o que ficou conhecido como "A Plataforma". A qual encherga as licoes do movimento anarquista russo, seu fracasso em constituir uma presenca dentro do movimento da classe trabalhadora, suficientemente grande e efetivo para se contrapor a tendencia bolchevique e outros grupos politicos em impor-se a si mesmos sobre a classe trabalhadora. Constitui um guia que a grosso modo sugere como os anarquistas devem organizar-se, em resumo, como podemos chegar a ser efetivos.

Trata-se de verdades bastante simples, é ridículo uma organizacao composta por grupos com definicoes contraditorias e mutuamente antagonistas ao anarquismo. É necessario estabelecer formalmente um acordo por meio de políticas expressas por escrito, o rol participantes, a necessidade de estabelecer comissoes e metodos de trabalho; o tipo de estrutura que resulte em uma organizacao democratica, grande e efetiva.

Quando foi publicada pela primeira vez recebeu o ataque das personalidades mais conhecidas na época, tais como Enrico Malatesta e Alexander Berkman. Foram acusados de estar "a um só passo dos bolcheviques" e de intentar um "Anarquismo bolchevique". Esta reação exagerada deveu-se em parte à proposição de criar uma União Geral de Anarquistas. Os autores não explicaram claramente como seria a relação entre esta organização e os outros grupos de anarquistas fora dela, nem que nada impedia que organizações anarquistas distintas trabalhassem juntas em publicações que compartilhassem posições e estratégias comuns.

Não consiste, como tem sido colocado tanto por seus detratores como por alguns de seus adeptos ultimamente, em um programa para "afastar-se do anarquismo em direção ao comunismo libertario". Os dois termos são completamente interelacionados. Foi escrito para ressaltar o fracasso dos anarquistas russos em sua confusão teórica; tanto quanto em sua falta de coordenação a nivel nacional, desorganização e incerteza política. Em outras palavras, carecia de efetividade. Em suma, longe de fazer um compromisso com politicas autoritarias, buscava a necessidade vital de criar uma organização que combinasse um efetivo ativismo revolucionario com os principios fundamentais do anarquismo.

Não é um programa perfeito agora, e tampouco o foi em 1926. Tem debilidades. Não explica algumas de suas ideias com suficiente profundidade, pode-se argüir que não cobre em absoluto alguns tópicos importantes. É bom não esquecer o documento é um pequeno panfleto e não uma enciclopedia de 26 volumes. Os autores deixam bastante claro em sua introdução que não se trata de nenhum tipo de "Biblia". Não é uma análise ou programa completo, é uma contribuição ao necessário debate - um bom ponto de partida.

Para que não reste qualquer tipo de dúvida de sua relevancia hoje em dia, deve ser dito que as ideias básicas de "A Plataforma" são preponderantes entre as idéias do movimento anarquista internacionalmente. Os anarquistas buscam mudar o mundo para melhor, e este panfleto nos leva em uma direção onde podemos encontrar algumas das ferramentas necessarias para cumprir esta tarefa.

Alan MacSimoin, 1989

★ Seção Organizacional

As posições gerais, construtivas expressadas acima constituem a plataforma organizacional das forças revolucionárias do anarquismo.

Esta plataforma, contendo uma orientação tática e teórica definitiva, parece ser o mínimo necessário e urgente para reunir todos os militantes do movimento anarquista organizado.

Sua tarefa é agrupar ao seu redor todos os elementos saudáveis do movimento anarquista em uma organização geral, ativa e agitadora em uma base permanente: a União Geral dos Anarquistas. As forças de todos os militantes anarquistas devem ser orientadas em direção à criação desta organização.

Os princípios fundamentais para a organização de uma União Geral de anarquistas são os seguintes:

1. Unidade Teórica

A teoria representa a força que orienta a atividade de pessoas e organizações por uma trilha definida e direcionada a um objetivo determinado. Naturalmente, ela deve ser comum a todas as pessoas e organizações aderentes à União Geral. Qualquer atividade realizada pela União Geral, tanto no global quanto em seus detalhes, deve estar em perfeita concórdia com os princípios teóricos professados pelo coletivo.

2. Unidade Tática ou o Método Coletivo de Ação

Da mesma forma, os métodos táticos aplicados pelos membros e grupos isolados dentro da União devem ser unitários, ou seja, estar em concórdia rigorosa tanto entre si quanto com a teoria e a tática da União.

Uma linha tática comum no movimento é de importância decisiva para a existência da organização e para o movimento todo: ela elimina o efeito desastroso de várias táticas que se opõe entre si, concentra as forças do movimento, oferece à elas uma direção em comum levando, portanto, a um objetivo fixo.

3. Responsabilidade Coletiva

A prática de agir sob a responsabilidade de um indivíduo deve ser decididamente condenada e rejeitada nos postos do movimento anarquista. As áreas da vida rev-

e camponeses contra o inimigo local, não coordenada por um plano geral de operação e cada uma agindo sob sua própria responsabilidade, sob seu próprio risco. A ação e as táticas usadas pelos guerrilheiros no período de seu desenvolvimento completo devem ser guiadas por uma estratégia revolucionária comum.

Como em todas as guerras, a guerra civil não pode ser financiada com êxito pelos trabalhadores, a menos que eles apliquem os dois princípios fundamentais de qualquer ação militar: unidade no planejamento de operações e unidade de comando em comum. O momento mais crítico da revolução virá quando a burguesia marchar contra a revolução como uma força organizada. Este momento crítico obriga os trabalhadores a adotar estes princípios de estratégia militar.

Desta maneira, em vista das necessidades impostas pela estratégia militar e também pela estratégia contra-revolucionária, as forças armadas da revolução deve, inevitavelmente, ser baseada em um exército revolucionário geral com um comando em comum e planejamento de operações. Os princípios que se seguem formam a base para este exército.

a) o caráter de classe do exército;
b) serviço voluntário (qualquer coação será completamente excluída da tarefa de defender a revolução);
c) disciplina revolucionária livre (autodisciplina) (serviço voluntário e autodisciplina revolucionária são perfeitamente compatíveis, e dão ao exército revolucionário mais moral do que qualquer exército do estado);
d) submissão total do exército revolucionário às massas de trabalhadores e camponeses como são representadas pelas organizações de trabalhadores e camponeses comum por todo país, e estabelecidas pelas massas nos setores de controle da vida econômica e social.

Em outras palavras, o órgão de defesa da revolução, responsável por combater a contra-revolução, por grandes frentes militares assim como por uma frente interna (complôs burgueses, preparação para ação contra-revolucíonária), estará inteiramente sob a jurisdição das organizações produtivas dos trabalhadores e camponeses, às quais será submisso, e pelas quais receberá seu direcionamento político.

Observação: ao mesmo tempo que deve ser conduzido em conformidade com princípios comunistas libertários definitivos, o exército em si não deve ser considerado um ponto de princípio. Não é nada além de uma conseqüência de estratégia militar na revolução, uma medida estratégica que os trabalhadores são fatalmente forçados a tomar devido o processo de guerra civil. Mas esta medida deve chamar atenção a partir de agora. Deve ser estudada cuidadosamente a fim de evitar quaisquer contratempos irreparáveis no trabalho de proteção e defesa da revolução, pois os contratempos em uma guerra civil podem provar ser desastrosos ao resultado de toda revolução social.

★ Introdução Histórica

NESTOR MAKHNO e PIOTR ARSHINOV juntamente com outros anarquistas russos e ucranianos em Paris, publicaram a excelente Dielo Trouda bimensalmente a partir de 1925. Consistia em uma revista anarco-comunista teórica de muito boa qualidade. Anos antes, quanto ambos foram encarcerados na prisão Butirky em Moscou, tiveram a ideia de publicar uma revista desse estilo. Agora a estavam colocando em pratica. Makhno escreveu um artigo quase em todos os números durante o curso de tres anos. Em 1926 se uniu ao grupo IDA METT (autor da denuncia contra os bolcheviques chamada: “*A Comuna Kronstadt*”), que a pouco tempo havia conhecido na Russia. Naquele ano tambem viu a publicação de “Plataforma Organizacional”.

A publicação da “Plataforma” foi encarada com ferocidade e indignação por muitos no movimento internacional anarquista. O primeiro a atacar foi o anarquista russo Voline, à época tambem na França, e fundador com Sebastião Faure de “*Síntese*”, que buscava justificar uma mescla de anarco-comunismo, anarco-sindicalismo e anarquismo individual. Junto a Molly Steirner, Fleshin, e outros, escreveu uma réplica dizendo que “sustentar que o anarquismo é apenas uma teoria de classes é limitá-lo a um único ponto de vista”.

Sem desanimar, o grupo Dielo Trouda fez em 5 de fevereiro de 1927 um convite a uma “conferencia internacional”, onde ocorreria uma reunião preliminar no dia 12 daquele mesmo mes. Estavam presentes nesta reunião - fora o grupo Dielo Trouda 0 um delegado da Juventude Anarquista Francesa (Odeon); um Búlgaro, Pavel, enquanto individuo, um delegado do agrupamento anarquista polaco, Ranko, e outro polaco enquanto individuo, alguns militantes espanhois, entre os quais Fernández, Carbo e Gibanel; um italiano, Ugo Fedeli; um chines, Chen; e um frances, Dauphin-Meunier, todos como individuos. A primeira reunião foi realizada em um pequeno quarto atraz de um café parisiense.

Foi criada uma comissão provisoria, composta por Makhno, Chen e Ranko. Uma circular foi enviada a todos os grupos anarquistas em 22 de fevereiro. Foi convocada uma conferencia internacional que teve lugar em 20 de abril de 1927, em Hayles-Roses - perto de Paris - no cinema Les Roses.

Alem dos que vieram na primeira reunião, havia um delegado italiano que apoiou a “Plataforma”, Bifolchi, e outra delegação italiana do periódico “*Pensiero e Volontà*”, Luigi Fabbri, Camillo Berneri, e Ugo Fedeli. Os franceses tiveram dois delegados,

um de Odeon, favoravel à “Plataforma”, e Severin Ferandel.

Foi colocada a seguinte proposta:

1. Reconhecer a luta de classes como o aspecto mais importante da ideia anarquista;
2. Reconhecer o Anarco-Comunismo como a base do movimento;
3. Reconhecer o sindicalismo como o principal método de luta;
4. Reconhecer a necessidade de um ‘Sindicato Geral de Anarquistas’, baseado na tática e unidade ideologica, e na responsabilidade coletiva;
5. Reconhecer a necessidade de um programa positivo para realizar a revolução social.

Depois de uma grande discussão algumas modificações foram agregadas à proposta original. Todavia, não deu tempo de fazer mais nada pois a policia invadiu o local, prendendo todos os presentes. Makhno quase foi deportado, só não o foi graças a uma campanha iniciada por anarquistas franceses. A proposta de criar uma *Federação Internacional de Anarco-Comunistas Revolucionarios* havia sido desbaratada, mesmo alguns daqueles que participaram na dita conferencia recusaram dar-lhe alguma autoridade.

Outros ataques à “Plataforma” vieram de Fabbri, Berneri, do historiador anarquista Max Nettlau, seguidos de Malatesta, o conhecido anarquista italiano. O grupo Dielo Trouda replicou com “*Uma Resposta aos Confusionistas do Anarquismo*”, seguido de uma declaração de Arshinov sobre a “Plataforma” em 1929. Arshinov, decepcionado pela maneira com que se reagiu à idei da “Plataforma”, voltou à URSS em 1933. Foi acusado de “tentar restaurar o Anarquismo na Rusia”, sendo executado em 1937, durante as purgas estalinistas.

A “Plataforma” falhou em estabelecer-se em nível internacional, mas afetou alguns movimentos:

Na França, a situação foi marcada por uma serie de divisões e fusões, os “Plataformistas” por algumas vezes chegaram a controlar o movimento anarquista, enquanto que em outras ocasiões se viram forçados a dispersar-se e formar seus proprios agrupamentos. Na Italia, os simpatizantes da “Plataforma” criaram o pequeno “*Unione Anarco Comunista Italiano*’, o qual rapidamente entrou em colapso. Na Bulgaria, a discussão sobre formas de organizar-se provocou a reconstrução da *Federação Anarquista Búlgara* (F.A.C.B.) sobre uma “plataforma concreta” “para uma organização anarquista específica, permanente e estruturada” “baseada nos principios e táticas do comunismo libertario”. Todavia, os “Plataformistas” da linha dura se negaram a reconhecer a nova organização e a denunciaram em seu periódico semanal “Prouboujdane”, antes dela entrar em colapso pouco tempo depois.

De forma similar na Polonia, a *Federação Anarquista da Polonia* (AFP) reconheceu que se há de derrubar o capitalismo e o estado atraves da luta de classes e da revolução social, criando uma nova sociedade baseada em conselhos de trabal-

A defesa da revolução

A questão da defesa da revolução também está ligada ao problema do ‘primeiro dia’. Basicamente, o meio mais poderoso para a defesa da revolução é a solução feliz para seus problemas positivos: produção, consumo, e a terra. Assim que se resolver corretamente estes problemas. nenhum contra-revolucionário será capaz de alterar ou desequilibrar a sociedade livre de trabalhadores. No entanto, os trabalhadores terão de sustentar uma luta ferrenha contra os inimigos da revolução, a fim de manter sua existência concreta.

A revolução social, que ameaça os privilégios e a própria existência das classes não-trabalhadoras da sociedade, provocará inevitavelmente uma resistência desesperada por parte destas classes, que tomará a forma de uma violenta guerra civil.

Como podemos perceber pelo que aconteceu na Rússia, uma guerra civil como tal não será uma questão de poucos meses, mas sim de muitos anos.

Não importando quão bem sucedidos sejam os primeiros passos dos trabalhadores no início da revolução, as classes dominantes irão conservar uma enorme capacidade de resistência por muito tempo. Por muitos anos elas irão lançar ofensivas contra a revolução, tentando reconquistar o poder e os privilégios dos quais foram desprovidas.

Uma grande exército, estratégias e técnicas militares, capital - serão jogados contra os trabalhadores vitoriosos.

De forma a preservar as conquistas da revolução, os trabalhadores devem criar órgãos para a defesa da revolução, para assim fazer oposição às ofensivas reacionárias com uma força guerrilheira que corresponda à magnitude da tarefa. Nos primeiros dias da revolução, esta força guerrilheira será formada por todos os trabalhadores e camponeses armados. Mas esta força armada espontânea só será valiosa durante os primeiros dias, antes de a guerra civil alcançar seu pico e os dois partidos em luta terem criado organizações militares regularmente constituídas.

Na revolução social o momento mais crítico não é durante a supressão da Autoridade, mais sim o que se segue, que é quando as forças do regime derrotado lançam uma ofensiva geral contra os trabalhadores, e quando se trata de uma questão de se guardar bem as conquistas sob ataque. O caráter próprio desta ofensiva, assim como as técnicas e o desenvolvimento da guerra civil, obrigarão os trabalhadores a criar certos contingentes militares revolucionários. A essência e os princípios fundamentais destas formação deverão ser decididos com antecedência. Ao negar os métodos de governo estatais e autoritários, também estaremos negando o método estatal de organizar as forças militares de trabalhadores, em outras palavras, os princípios de um exército estatal baseado no serviço militar obrigatório. Sendo coerente com as posições fundamentais do comunismo libertário, o princípio de serviço voluntário deve ser a base das formação militares de trabalhadores. As repartições de guerrilheiros insurgentes, trabalhadores e camponeses, que lideraram a ação militar na revolução russa, podem ser citadas como exemplos de tais formações.

No entanto, ‘serviço voluntário’ e a ação de guerrilheiros não deve ser entendida no sentido estrito da palavra, que é o de uma luta de repartições de trabalhadores

terra de acordo com princípios comunistas.

Como a indústria, a terra, explorada e cultivada por sucessivas gerações de trabalhadores, é o produto dos seus esforços. Também pertence a todos os trabalhadores e a ninguém em particular, visto que é propriedade comum e inalienável dos trabalhadores, a terra nunca mais pode ser comprada, vendida ou alugada: ela não pode, portanto, servir como um meio de exploração do trabalho de outros.

A terra é também uma espécie de oficina de trabalho geral e pública, onde as pessoas produzem os meios pelos quais vivem. Mas é o tipo de oficina onde cada trabalhador (camponês) se acostumou, graças à certas condições históricas, a realizar seu trabalho sozinho, independente de outros produtores. Enquanto, na indústria, o método coletivo de trabalho é essencial e o único caminho possível nos dias de hoje, a maioria dos camponeses cultiva a terra por conta própria.

Consequentemente, quando a terra e os meios para sua exploração são assumidos pelos camponeses, sem possibilidade de venda ou arrendamento, a questão das formas de utilização e os métodos de exploração (comunitário ou familiar) não achará uma solução completa e definitiva imediatamente, como no setor industrial. De início, provavelmente ambos os métodos serão usados.

Serão os próprios camponeses revolucionários que estabelecerão os termos definitivos de exploração o utilização da terra. Nenhuma pressão vinda de fora será possível quanto à esta questão.

Contudo, já que consideramos que somente uma sociedade comunista, pela qual a revolução social será realizada., retira os trabalhadores da sua situação de escravidão e exploração e lhes dá total liberdade e igualdade; já que os camponeses constituem a grande maioria da população (quase 85% na Rússia na época tratada aqui) e, consequentemente, o regime agrário que eles estabeleceram será o fator decisivo do destino da revolução; e, finalmente, já que uma economia privada para a agricultura, assim como em uma indústria privada, leva a um comércio, acumulação, propriedade privada e restauração de capital - nosso dever será o de fazer tudo possível, desde agora, para facilitar a solução do problema agrário de uma forma coletiva.

Para tal, precisamos, desde já, nos engajar em uma propaganda enérgica entre os camponeses a favor de uma economia agrária coletiva.

A fundação de um sindicato especificamente dos camponeses libertários, facilitará consideravelmente esta tarefa.

A respeito disto, o progresso técnico será de grande importância, facilitando a evolução da agricultura, assim como a concretização do comunismo nas cidades e, acima de tudo, na indústria. Se os trabalhadores industriais agirem junto aos camponeses, não individualmente ou em grupos separados, mas sim como um imenso coletivo comunista, abraçando todos os ramos da indústria; se, além disso, eles manterem em mente as necessidades do campo e se, ao mesmo tempo, suprirem cada vila com coisas usadas diariamente, ferramentas e máquinas para a exploração coletiva das terras, os camponeses se sentirão impelidos a aplicar o comunismo na agricultura.

hadores e camponeses, e uma organização construida sobre a unidade teórica, embora negando a “Plataforma” ao considerar que tinha tendencias autoritarias. Na Espanha, ocorreu, conforme Juan Gómez Casas descreve em “*Organización Anarquista - La Historia de la F.A.I.*”: “O anarquismo espanhol estava preocupado em como resgatar e incrementar a influencia que teve desde que a Internacional chegou à Espanha”. Os anarquistas espanhois não tinham naquela época preocupações sobre sair do isolamento, ou de competir com os bolcheviques. Na Espanha, a influencia bolchevique era ainda pequena. A “Plataforma” dificilmente poderia afetar o movimento espanhol. Quando se criou a Federação Anarquista Ibérica em 1927, a “Plataforma” não pode ser discutida mesmo estando na agenda, pois não haviam sido traduzidas suas propostas. J. Manuel Molinas, à época Secretario dos Grupos Anarquista de fala hispanica na França, escreveu mais tarde a Casas: “*A plataforma de Arshinov e outros anarquistas russos exerceu muito pouca influencia no movimento no exilio e dentro do pais... ‘A Plataforma’ foi uma tentativa de renovar, de dar mais caráter e capacidade ao movimento anarquista à luz da Revolução Russa. Hoje, ao longo de toda nossa experiencia, me parece que esse esforço não foi totalmente apreciado.*”.

A Guerra Mundial interrompeu o desenvolvimento das organizações anarquistas, mas a controversia sobre a “Plataforma” reapareceu com a fundação da *Fédération Communiste Libertaire* na França, e dos *Gruppi Anarchici di Azione Proletaria* na Italia no principio dos anos 50. Ambos usaram a “Plataforma” como ponto de referencia (houve também uma pequena *Federación Comunista Libertaria* de espanhois no exilio.) Isto foi seguido em finais dos anos 60 e começos dos anos 70 pelo surgimento de grupos tais como *Organisation of Revolutionay Anarchists* na Inglaterra e a *Organisation Revolutionnaire Anarchiste* na França.

A “Plataforma” continua sendo uma valiosa referencia histórica para os anarquistas da luta de classes, na busca por maior efetividade e pela saida do isolamento político, da inatividade e da confusão, buscando respostas aos problemas que enfrentam.

Nick Heath, 1989

★ Apresentação

É muito significante o fato de que, apesar da força e o caráter incontestavelmente positivo das idéias libertárias, e apesar da franqueza e integridade das posições anarquistas perante a revolução social, e finalmente o heroísmo e inúmeros sacrifícios suportados pelos anarquistas na luta pelo comunismo libertário, o movimento anarquista permanece fraco a despeito de tudo, e tem aparecido, frequentemente, na história de lutas da classe trabalhadora como um pequeno acontecimento, um episódio, e não um fator importante.

Esta contradição entre a positiva e incontestável substância das idéias libertárias, e a situação miserável na qual o movimento libertário vegeta, tem sua explicação em um número de causas, das quais a mais importante, a principal é a falta de princípios e práticas organizacionais no movimento anarquista.

Em todos os países, o movimento anarquista é representado por várias organizações locais que advogam teorias e práticas contraditórias, ficando, assim, sem perspectivas para o futuro, nem uma continuidade no trabalho militante, e habitualmente desaparecendo, dificilmente deixando o menor vestígio de existência em seu lugar.

Considerando-o como um todo, tal estado de anarquismo revolucionário só pode ser descrito como “desorganização geral crônica” .

Como a febre amarela, esta doença de desorganização se introduziu no organismo do movimento anarquista e o tem abalado por dezenas de anos,

No entanto, sem sombra de dúvidas, esta desorganização se origina de alguns defeitos de teoria: notavelmente de uma falsa interpretação do princípio de individualidade no anarquismo: sendo esta teoria freqüentemente confundida com a total falta de responsabilidade, Os amantes da asserção ‘eu’, com o interesse voltado unicamente para o prazer particular, agarram-se obstinadamente ao estado caótico do movimento anarquista e citam em sua defesa os princípios imutáveis do anarquismo e seus professores.

Mas os princípios imutáveis e os professores têm mostrado exatamente o contrário.

Dispersão e quebra de unidade são arruinantes: uma união bem suturada é um sinal de vida e desenvolvimento. Esta negligência de luta social aplica-se tanto às classes quanto às organizações.

Anarquismo não é uma utopia bonita, nem uma idéia filosófica abstrata, é um

acordo de alvos.

A revolução social, preocupando-se com a reconstrução de toda ordem social, toma para si também a obrigação de satisfazer as necessidades de vida de todos. A única exceção é do grupo dos não trabalhadores - aqueles que se negam a tomar parte na nova produção por razões contra-revolucionárias. Mas em geral, exceteuando-se a última categoria de pessoas, a satisfação das necessidades de todos na área da revolução é assegurada pela reserva geral de mercadorias. No caso da insuficiência de mercadorias, elas são divididas de acordo com o princípio de maior urgência, isto é, o caso de crianças, inválidos e famílias trabalhadoras.

Um problema ainda mais dificil é a organização de uma base para o consumo em si.

Sem dúvidas, desde o primeiro dia da revolução, as fazendas não oferecerão todos os produtos vitais à vida da população. Ao tempo que os camponeses têm em abundância que falta às cidades.

Os comunistas libertários não têm dúvidas sobre o relacionamento mútuo existente entre os trabalhadores da cidade e os do campo. Eles acreditam que a revolução social só pode ser realizada através dos esforços iguais de trabalhadores e camponeses. Em conseqüência, a solução do problema de consumo na revolução só será possível por meio de uma colaboração revolucionária direta entre estas duas categorias de trabalhadores.

Para estabelecer esta colaboração, a classe trabalhadora urbana, tendo assumido a produção, deve imediatamente suprir as necessidades de sobrevivência do campo e esforçar-se por prover os produtos, meios e implementos usados na agricultura coletiva diariamente. As medidas de solidariedade tomadas pelos trabalhadores quanto às necessidades dos camponeses, provocarão como resposta destes o mesmo tipo de gesto, a provisão do produto do seu trabalho coletivo para as cidades.

As cooperativas de trabalhadores e camponeses serão os principais órgãos, assegurando às cidades e o campo suas necessidades em alimentação e materiais econômicos. Mais tarde, sendo também responsáveis por funções mais importantes e permanentes, como fornecer tudo que seja necessário para garantir e desenvolver a vida social e econômica dos trabalhadores e camponeses, estas cooperativas serão transformados em órgãos permanentes encarregados de prover cidades e campo.

Esta solução para o problema de provisão permite ao proletariado criar um estoque permanente de provisões, que terá um efeito favorável e decisivo no resultado de toda nova produção.

A terra

Para a solução do problema agrário, acreditamos serem os camponeses trabalhadores, que não exploram o trabalho de outros - e o proletariado assalariado do campo as principais forças revolucionárias e criativas. Sua tarefa será efetivar a redistribuição de terras no campo de forma a estabelecer o uso e exploração da

Produção

Levando-se em conta que a indústria de um país é o resultado dos esforços de várias gerações de trabalhadores e que as diversas ramificações da indústria estão fortemente ligadas, consideramos toda produção efetiva como uma única oficina de trabalho de produtores, pertencendo totalmente a todos os trabalhadores juntos, e não a alguém em particular.

O mecanismo produtivo do país é global e pertence à toda classe trabalhadora. Esta tese determina o caráter e as formas da nova produção. Ela também será global, comum no sentido que os produtos produzidos pelos trabalhadores pertencerão a todos. Estes produtos, de qualquer categoria que sejam, o fundo geral de provisões para os trabalhadores, onde cada um que participar na produção receberá aquilo que precisar, de uma forma igual para todos.

O novo sistema de produção suplantará totalmente a burocracia e a exploração em todas as suas formas e estabelecerá em seu lugar o princípio de cooperação fraternal e solidariedade entre os trabalhadores.

A classe média, que em uma sociedade capitalista moderna exercita funções intermediárias - comércio, etc., assim como a burguesia, deve tomar parte do novo modo de produção sob as mesmas condições que todos os outros trabalhadores. Caso contrário, estas classes se posicionarão fora da sociedade de trabalho.

Não haverão chefes, nem empreendedores, proprietário ou proprietário indicado pelo Estado (como é o caso atual do estado bolchevista). Nesta nova produção, a gestão será repassada para a administração especialmente criada pelos trabalhadores: soviets de trabalhadores, comitês de fábrica ou gestão pelos trabalhadores de trabalhos e fábricas. Estes órgãos, interligados ao nível de comuna, distrito e finalmente a gestão geral e federal da produção. Construídos pelas massas e sempre sob seu controle e influência, todos estes órgãos constantemente renovados e realizadores da idéia de autogestão, autogestão verdadeira, pelas massas populares.

Produção unificada, na qual os meios e os produtos pertencem a todos, tendo substituído a burocracia pelo princípio de cooperação fraternal e tendo estabelecido direitos iguais para todo tipo de trabalho, da gestão produtiva feito pelos órgãos do controle dos trabalhadores, eleito pelas massas, é o primeiro passo verdadeiro no caminho para a realização do comunismo libertário.

Consumo

Este problema aparecerá durante a revolução em duas formas:

1. O princípio da procura por produtos e consumo.
2. O princípio de sua distribuição.

Naquilo que concerne a distribuição de mercadorias aos consumidores, a solução depende sobretudo da quantidade de produtos disponíveis e do princípio de

movimento social das massas trabalhadoras. Por esta razão, deve unir forças em uma organização, agitando constantemente, como é exigido pela realidade e estratégia de luta de classe.

> "*Nós estamos convictos*" afirma Kropotkin, "*de que a formação de uma organização anarquista na Rússia, longe de ser prejudicial à tarefa revolucionária comum, é, pelo contrário, desejável e útil no mais alto grau*." (Prefácio para *The Paris Comune* ("*A Comuna Parisiense*") de Bakunin, edição de 1892.)

Bakunin nunca se opôs ao conceito de uma organização anarquista geral. Pelo contrário, suas aspirações a respeito de organizações, assim como sua participação na primeira Internacional nos oferece razões para vê-lo justamente como um guerrilheiro ativo de uma organização como tal.

Em geral, praticamente todos os militantes anarquistas ativos lutaram contra qualquer tipo de atividade dispersiva, e desejaram um movimento anarquista soldado pelo unidade em meios e fins.

Foi durante a Revolução Russa de 1917 que se sentiu mais profundamente e urgentemente a necessidade de uma organização geral. Foi durante esta revolução que o movimento libertário mostrou o maior grau de fragmentação e confusão. A falta de uma organização geral levou muitos militantes anarquistas ativos a tomar parte de postos dos bolchevistas. Esta falha é também a causa de muitos outros militantes atuais permanecerem passivos, impedindo qualquer uso de suas forças, que é freqüentemente bem considerável.

Nós temos grande necessidade de uma organização que, tendo reunido a maioria dos participantes do movimento anarquista, estabeleça no anarquismo uma linha política geral e tática a qual deve servir como um guia para o movimento inteiro.

Está na hora do anarquismo sair do pântano da desorganização, pôr um fim às infinitas vacilações das questões táticas e teóricas mais importantes, mover-se definitivamente em direção a um ideal claramente reconhecido, e operar uma prática coletiva e organizada.

No entanto, não é o bastante reconhecer a necessidade vital de tal organização: é também necessário estabelecer o método para sua criação.

Nós rejeitamos como teoricamente e praticamente inapta a idéia de criar uma organização baseada na receita da 'síntese' , que está reunindo os representantes de diferentes tendências anarquistas. Tal organização, tendo incorporado elementos teóricos e práticos heterogêneos, seria apenas uma reunião mecânica de indivíduos, cada qual possuindo um conceito diferente das questões do movimento anarquista, uma reunião que eventualmente se desintegraria ao entrar em contato com a realidade.

O método anarco-sindicalista não resolve o problema da organização anarquista, pois ele não dá prioridade a este problema, interessando-se somente pela penetração e aumento de forças no proletariado industrial.

Entretanto, muito coisa não pode ser realizada nesta área, até mesmo em

adquirindo igualdade, a menos que haja uma organização anarquista geral.

O único método que leva à solução do problema de organização geral é, do nosso ponto de vista, reorganizar militantes anarquistas ativos baseando-se em posições precisas: teórica, tática e organizacional, a base mais ou menos perfeita de um programa homogêneo.

A elaboração de tal programa é uma das principais tarefas imposta aos anarquistas pela luta social dos últimos anos. É nesta tarefa que o grupo de anarquistas russos em exílio dedica uma parte importante de seus esforços.

A Plataforma Organizacional publicada abaixo representa os esboços, o esqueleto de tal programa. Deve servir como o primeiro passo em direção a um reagrupamento de forças libertárias em um único coletivo revolucionário ativo capaz de lutar, a União Geral dos Anarquistas.

Não temos dúvidas de que há falhas na presente plataforma. Tem falhas, assim como todos os passos novos e básicos que tenham qualquer importância. É possível que algumas posições importantes tenham sido deixadas de fora, ou que outras tenham sido tratadas de forma inadequada, ou ainda que outras tenham sido muito detalhadas ou repetitivas. Tudo isso é possível, mas não de relevância vital. O que é importante é fixar as fundações de uma organização geral, e é este propósito que é atingido, em certo grau de necessidade, pela plataforma presente.

Depende do coletivo como um todo, a União Geral dos Anarquistas, em ampliá-la, para depois dá-la profundidade, transformá-la em uma plataforma definitiva para todo o movimento anarquista.

Em outro aspecto também temos dúvidas. Nós prevemos que vários representantes de um estilo próprio individualista e anarquismo caótico irão nos atacar, espumando pela boca, e nos acusar de quebrar princípios anarquistas. Contudo, sabemos que os elementos individualistas e caóticos entendem pelo título ‘princípios anarquistas’ indiferença política, negligência e total falta de responsabilidade, o que tem causado em nosso movimento separações quase incuráveis, e contra as quais estamos lutando com toda nossa energia e paixão. Esta é a razão pela qual podemos calmamente ignorar os ataques provindos deste campo.

Baseamos nossa esperança em outros militantes: naqueles que permanecem fiéis ao anarquismo, tendo experimentado e sofrido a tragédia do movimento anarquista, e estão dolorosamente procurando por uma solução.

Mais ainda, colocamos grandes esperanças nos jovens anarquistas que, nascidos na respiração da Revolução Russa, e posicionados desde o início no meio de problemas construtivos, irão certamente exigir a realização de princípios positivos e organizacionais no anarquismo.

Convidamos todas as organizações anarquistas russas espalhadas em vários países do mundo, e também militantes isolados, a unir-se baseados em uma plataforma organizacional comum.

Deixem esta plataforma servir como a espinha dorsal revolucionária, o ponto de unificação de todos os militantes do movimento anarquista russo! Deixem-na formar as fundações para o União Geral dos Anarquistas!

★ Seção Construtiva

A meta fundamental dos trabalhadores na luta é a fundação, por meio da revolução, de uma sociedade comunista livre e igualitária fundada no princípio “de cada um de acordo com sua habilidade, para cada um de acordo com suas necessidades”.

No entanto, esta sociedade não surgirá sozinha, somente pela força da revolução. Sua concretização se dará por um processo de revolução social, mais ou menos esquematizado, orientado pelas forças organizadas dos trabalhadores vitoriosos em um caminho determinado.

A nossa função é indicar este caminho a partir de agora, e formular problemas concretos e positivos que ocorrerão aos trabalhadores desde o primeiro dia de revolução social, o resultado que depende dos acertos de suas soluções.

É evidente que a construção de uma nova sociedade só será possível após a vitória dos trabalhadores em cima do sistema capitalista burguês e seus representativos. E impossível começar a construção de uma nova economia e novas relações sociais enquanto o poder do estado, que defende o regime de escravidão, não tiver sido esmagado, enquanto trabalhadores e camponeses não tiverem tomado, como o objeto da revolução, a economia industrial e agrícola.

Consequentemente, a primeira tarefa social revolucionária é esmagar o edifício estatal do sistema capitalista, desapropriar a burguesia e todos os elementos privilegiados em geral dos seus meios de poder, e estabelecer acima de tudo a vontade de revolta dos trabalhadores, como é expressado pelos princípios fundamentais da revolução social. Este aspecto agressivo e destrutivo da revolução só pode servir para limpar o caminho para as tarefas positivas que formam o significado e a essência da revolução social-

Estas tarefas são as que se seguem:

1. A solução, no sentido comunista libertário, do problema da produção industrial do país.
2. Similarmente, a solução do problema agrário.
3. A solução do problema de consumo.

empíricos, que não têm entre eles nem uma ligação organizacional nem um acordo teórico.

Grupos anarquistas em companhias, fábricas e oficinas de trabalhos, preocupados em criar sindicatos anarquistas, levando a luta em sindicatos revolucionários para a dominação das idéias libertárias no sindicalismo, grupos cujas ações são organizadas por uma organização anarquista geral: estes são as formas e os meios das posturas anarquistas quanto ao sindicalismo.

Vida longa para a Revolução Social dos Trabalhadores do Mundo!

Grupo Dielo Trouda
Paris, 20 Junho 1926

★ Seção Geral

Não há uma humanidade
Há uma humanidade de classes
Escravos e Senhores

1. Luta de Classe, seu papel e significado

Assim como todas que a precederam, a sociedade capitalista burguesa dos nossos tempos não é “uma humanidade”. É dividida em dois campos bem distintos, diferenciados socialmente por suas situações e funções, o proletariado (no sentido mais amplo da palavra), e a burguesia.

A sina do proletariado é, e tem sido há séculos, carregar o fardo de um trabalho físico e doloroso do qual provêem seus frutos, não para eles, no entanto, mas sim para outra classe privilegiada que possui propriedade, autoridade e os produtos culturais (ciência, educação, arte): a burguesia. A escravidão e exploração social das massas trabalhadoras formam a base na qual se ergue a sociedade moderna, sem a qual esta sociedade não poderia existir.

Isto gerou uma luta de classe, por vezes, assumindo um caráter aberto e violento, e, por outras, um semblante de progresso vagaroso e inatingível, que reflete carências, necessidades e o conceito de justiça dos trabalhadores.

No domínio social, toda história humana representa uma corrente ininterrupta de lutas realizadas pelas massas trabalhadoras pelos seus direitos, liberdade e uma vida melhor. Na história da sociedade humana esta luta de classe tem sido sempre o fator primário que determinou a forma e estrutura destas sociedades.

O regime social e político de todos os estados está acima de todo e qualquer produto da luta de classe. A estrutura fundamental de qualquer sociedade nos mostra o estágio no qual a luta de classe tem gravitado e deve ser encontrada. A mínima mudança no curso das batalhas de classes, nas posições relativas nas quais se encontram as forças da luta de classe, produz modificações contínuas no tecido e na estrutura da sociedade.

Tal é o geral e universal âmbito e significado da luta de classe na vida das sociedades de classes.

plicadas questões sociais e políticas da realidade contemporânea. Os sindicalismo sempre reflete as ideologias de diversos grupos políticos, notavelmente daqueles que trabalham mais intensamente em seus postos.

Nossa postura perante o sindicalismo revolucionário origina-se do que será dito em seguida. Sem querer tentar solucionar com antecedência a questão de papel dos sindicatos revolucionários após a revolução, se eles serão os organizadores de uma nova produção, ou se deixarão esta função para os comitês de fábricas ou os soviets de trabalhadores - julgamos que os anarquistas devem participar do sindicalismo revolucionário como sendo uma das formas do movimento revolucionário dos trabalhadores.

Contudo, a questão colocada hoje não é se os anarquistas devem ou não participar do sindicalismo revolucionário, mas sim como e para que fim eles devem tomar parte.

Consideramos o período, até o dia de hoje, quando os anarquistas entraram no movimento sindicalista como indivíduos e propagandistas, como um período de relações artesanais direcionadas ao movimento dos trabalhadores profissionais.

O anarco-sindicalismo, tentando introduzir forçosamente as idéias libertárias na ala esquerda do sindicalismo revolucionário como sendo uma forma de criar tipos de sindicatos anarquistas, representa um passo para frente, porém ainda não deixa de ser um método empírico*, pois o anarco-sindicalismo não necessariamente une a ‘anarquização’ do movimento sindicalista com aquela dos anarquistas organizados fora do movimento. Pois somente dentro desta base, de tal ligação, que o sindicalismo revolucionário pode ser ‘anarquizado’ e impedido de se direcionar ao oportunismo ou reformismo.

Considerando o sindicalismo somente como um corpo profissional de trabalhadores sem uma teoria social e política coerente, e, consequentemente, sem poder para resolver a questão social sozinho, acreditamos que as tarefas dos anarquistas nos postos do movimento consiste em desenvolver a teoria libertária, e conduzi-lo em uma direção libertária, a fim de transformá-lo em um braço ativo da revolução social. É preciso ter sempre em mente que, se o sindicalismo não achar na teoria anarquista um apoio nos momentos oportunos, ele se direcionará, com ou sem nossa aprovação, para a ideologia de um partido político estatal.

As funções dos anarquistas nos postos do movimento revolucionário dos trabalhadores puderam ser concretizadas somente sob as condições de seus trabalhos estarem diretamente ligados e costurados à atividade da organização anarquista fora do sindicato. Em outras palavras, devemos entrar em sindicatos revolucionários como uma força organizada, responsável por executar metas no sindicato perante a organização anarquista geral e orientada por ela.

Sem nos restringirmos apenas à criação de sindicatos anarquistas, devemos exercitar nossa influência teórica em todos os sindicatos, e de todas as formas (a IWW, o sindicato russo). Só podemos conquistar este objetivo trabalhando em coletivos anarquistas rigorosamente organizados; mas nunca em pequenos grupos

* baseado em observações ou experiências e não em teoria.

Um flagrante exemplo disto é o regime de 'ditadura do proletariado' estabelecido pelos bolchevistas na Rússia.

De acordo com eles, o regime deve ser somente uma passo transitório rumo ao comunismo total. Na verdade, este passo resultou na restauração da sociedade de classes, na qual os trabalhadores e camponeses voltaram a ficar por baixo.

O centro de gravidade para a construção de uma sociedade comunista não consiste na possibilidade de assegurar a cada indivíduo liberdade ilimitada para satisfazer suas necessidades a partir do primeiro dia de revolução; mas consiste na conquista da base social desta sociedade, e estabelecimento dos princípios de relacionamentos igualitários entre os indivíduos. Quanto à questão da abundância, maior ou menor, ela não se posiciona ao nível de princípios, mas sim como um problema técnico.

O princípio fundamental sobre o qual a nova sociedade será erigida e posicionada, e que não deve ser restrito de qualquer forma é aquele de igualdade de relacionamentos, de liberdade e independência dos trabalhadores. Este princípio representa a primeira exigência fundamental das massas, pelo qual elas se erguem em uma revolução social.

Ou a revolução social terminará com a derrota dos trabalhadores, que seria o caso de recomeçarmos novamente a preparação da luta, uma nova ofensiva contra o sistema capitalista-, ou levará à vitória dos trabalhadores, e neste caso, tendo conquistado os meios que permitem auto-gestão - a terra, produção, e funções sociais, os trabalhadores começarão a construção de uma sociedade livre.

Isto é o que caracteriza o início da construção de uma sociedade comunista, que, uma vez começada, continua seguindo o rumo de seu desenvolvimento sem interrupções, reforçando-se e aprimorando-se continuamente.

Desta forma, a tomada das funções sociais e produtivas por parte dos trabalhadores, traçará uma linha exata de demarcação entre as eras estatal e não-estatal.

Se deseja se tornar um porta-voz das massas combatentes, a bandeira de toda uma era de revolução social, o anarquismo não deve assimilar traços da velha ordem em seu programa, as tendências oportunistas de sistemas e períodos de transição, não escondem seus princípios fundamentais, mas, pelo contrário, os desenvolve e aplica o máximo possível.

8. Anarquismo e sindicalismo

Consideramos a tendência de opor comunismo libertário a sindicalismo, e vice-versa, artificial e desprovida de fundamento e significado.

As idéias do anarquismo e as do sindicalismo pertencem a dois planos diferentes. Enquanto o comunismo, isto é, uma sociedade de trabalhadores livres, é a meta da luta anarquista - sindicalismo, isto é, o movimento revolucionário de trabalhadores nas suas ocupações, é somente uma das formas de luta de classe revolucionária. Através da união de trabalhadores baseada na produção, o sindicalismo revolucionário, como todos os grupos baseados em profissões, não possui uma teoria determinada, não possui uma concepção do mundo que responda todas as com-

2. A necessidade de uma revolução social violenta

O princípio de escravidão e exploração das massas pela violência constitui a base da sociedade moderna. Todas as manifestações de sua existência: a economia, política, relações sociais, apoiam-se na violência de classe, cujos órgãos servidores são: autoridade, a polícia, o exército, o judiciário. Tudo nesta sociedade: cada empresa considerada separadamente, assim como todo o sistema de Estado, não é nada mais do que o baluarte do capitalismo, de onde eles mantêm vigília constante nos trabalhadores, de onde eles sempre têm preparadas as forças intencionadas a reprimir quaisquer movimentos feitos pelos trabalhadores que ameaçam a fundação ou até mesmo a tranquilidade daquela sociedade.

Ao mesmo tempo, o sistema desta sociedade, deliberadamente, mantém as massas trabalhadoras em um estado de ignorância e estagnação mental; ele previne através da força o aumento do seu nível moral e intelectual, a fim de obter mais facilmente o melhor aproveitamento delas.

O progresso da sociedade moderna: a evolução tecnológica do capital e a perfeição do seu sistema político, fortifica o poder das classes dominantes, e toma mais difícil a luta contra elas, desta maneira adiando o momento decisivo da emancipação dos trabalhadores.

Análises da sociedade moderna nos levam à conclusão que a única forma de transformar a sociedade capitalista em uma sociedade de trabalhadores livres é pelo caminho de uma revolução social violenta.

3. Anarquistas e comunismo libertário

A luta de classe criada pela escravidão de trabalhadores e suas aspirações à liberdade geraram, na opressão, a idéia do anarquismo: a idéia da negação total a um sistema social baseado nos princípios de classes e um Estado, e sua substituição por uma sociedade livre não-estatal de trabalhadores sob gestão própria.

Portanto, o anarquismo não se origina de reflexões abstratas nem de um intelectual ou filósofo, mas sim da luta direta de trabalhadores contra o capitalismo, das carências o necessidades dos trabalhadores, das suas aspirações à liberdade e igualdade, aspirações que se tornam particularmente vivas no melhor período heróico da vida e luta das massas trabalhadoras.

Os notáveis pensadores anarquistas, Bakunin Kropotkin e outros, não inventaram a idéia de anarquismo, mas, tendo encontrado este nas massas, simplesmente ajudaram, com a força de seu pensamento e conhecimento, a especificá-lo e propagá-lo.

O anarquismo não é o resultado de esforços particulares, nem o objeto de pesquisas individuais.

De igual modo, o anarquismo não é o produto de aspirações humanitárias. Não existe uma humanidade única. Qualquer tentativa de fazer do anarquismo um atrib-

uto de toda humanidade atual, de atribuir a ele um caráter humanitário geral seria uma mentira social e histórica, que levaria, inevitavelmente, à justificação do status quo e à uma nova exploração.

O anarquismo é em geral humanitário somente no sentido de que as idéias das massas tendem a melhorar as vidas de todos os homens, e que o destino da humanidade de hoje e de amanhã é inseparável da exploração dos trabalhadores. Se as massas trabalhadoras forem vitoriosas, toda humanidade renascerá; caso contrário, violência, exploração, escravidão e opressão reinarão no mundo como antes.

O nascimento, o florescimento, e a realização de idéias anarquistas têm suas raízes na vida e na luta das massas trabalhadoras e estão inseparavelmente ligadas ao seu destino.

O anarquismo quer transformar a atual sociedade capitalista burguesa em uma sociedade que assegure ao trabalhador os produtos de seus esforços, sua liberdade, independência, e igualdade política e social. Esta outra sociedade será o comunismo libertário, no qual a solidariedade social e a individualidade livre acharão sua expressão plena, e no qual estas duas idéias se desenvolverão em perfeita harmonia.

O comunismo libertário acredita que o único criador de valor social é o trabalho, fisico ou intelectual, e, consequentemente, somente o trabalho tem o direito de governar a vida econômica e social. Por causa disto, ele nem defende nem permite, em qualquer proporção, a existência de classes não-trabalhadoras.

Na medida em que estas classes existem simultaneamente com o comunismo libertário, o último não reconhecerá obrigações em relação a estes. Isto terá fim quando as classes não-trabalhadoras decidirem se tornar produtivas e quererem viver em uma sociedade comunista sob condições iguais para todos, as quais são a de membros sociais livres, gozando dos mesmos direitos e deveres assim como todos os outros membros produtivos.

O comunismo libertário quer pôr um fim a toda exploração e violência, sendo elas contra indivíduos ou as massas de pessoas. Para este fim, ele instituirá uma base econômica e social que unirá todas as seções da comunidade, garantindo a cada indivíduo uma posição de igualdade entre o resto, e concedendo a cada um o máximo de bem-estar. A base é a propriedade comum de todos os meios e instrumentos de produção (indústria, transporte, terra., matéria prima, etc.) e a construção de organizações econômicas dentro dos princípios de igualdade e gestão própria das classes trabalhadoras.

Dentro dos limites dessa sociedade auto-gerenciada de trabalhadores, o comunismo libertário estabelece o princípio de igualdade de valor e direitos de cada indivíduo (não individualidade “em geral”, nem de “individualidade mística”, nem o conceito de individualidade, mas sim cada indivíduo real e vivo).

cialmente pelas massas com esse propósito. Os elementos anarquistas organizados constituem exatamente este coletivo.

As massas exigem uma resposta clara e precisa dos anarquistas a respeito destas e de muitas outras questões. E, a partir do momento que os anarquistas declaram uma concepção de revolução e da estrutura da sociedade, eles são obrigados a dar uma resposta clara à todas estas questões, relacionar a solução destes problemas à concepção geral de comunismo libertário, e devotar todas suas forças à realização destes.

Somente desta forma a União Geral dos Anarquistas e o movimento anarquista asseguram completamente sua função como forças teóricas condutoras na revolução social.

7. O período de transição

Os partidos socialistas entendem a expressão ‘período de transição’ como sendo uma fase definitiva na vida do povo cujos traços característicos são: ruptura com a velha ordem e a instalação de um novo sistema econômico e social - um sistema que, no entanto, ainda não representa a total emancipação dos trabalhadores. Neste sentido, todos os programas mínimos* (Um programa mínimo não tem o objetivo de transformar o capitalismo, mas sim de solucionar alguns dos problemas imediatos que assolam a classe trabalhadora sob o regime capitalista.) dos partidos políticos socialistas, por exemplo, o programa democrático dos oportunistas socialistas ou o programa comunista pela ‘ditadura do proletariado’, são programas do período de transição.

O traço essencial de todos estes é que eles consideram impossível, no momento, a concretização completa dos ideais dos trabalhadores: sua independência, liberdade e igualdade - e, consequentemente, preservam várias instituições do sistema capitalista: o princípio de coerção estatal, privatização dos meios e instrumentos de produção, a burocracia, e muitos outros, de acordo com as metas do programa de cada partido.

A princípio, os anarquistas sempre têm sido inimigos de tais programas, considerando-se que a construção de sistemas de transição, que mantêm os princípios de exploração e coerção das massas, levam, inevitavelmente, a um novo crescimento da escravidão.

Em vez de estabelecer programas mínimos políticos, os anarquistas sempre defenderam a idéia de uma revolução social imediata, que priva a classe capitalista de seus privilégios econômicos e sociais, e coloca os meios e instrumentos de produção e todas as funções da vida econômica e social nas mãos dos trabalhadores.

Até agora, foram os anarquistas que mantiveram este posicionamento.

A idéia do período de transição, de acordo com o qual a revolução social deve levar não à uma sociedade comunista, mas sim a um sistema X, mantendo elementos do velho sistema. é anti-social em essência. Ele ameaça resultar em um reforço e desenvolvimento destes elementos às suas dimensões anteriores, e isto seria como dar um passo para atrás.

produção: trabalhadores e camponeses livres cooperativos). A classe dos trabalhadores e camponeses, organizada com base na produção e consumo, penetrada por posições anarquistas revolucionárias, será o primeiro grande ponto a favor da revolução social.

Quanto mais estas organizações estiverem conscientes e organizadas de uma maneira anarquista, como a presente, maior será a manifestação da vontade intransigente e criativa na hora da revolução.

Quanto à classe trabalhadora russa: está claro que após oito anos de ditadura bolchevista, que acorrenta as necessidades naturais de as massas terem atividade livre, a natureza verdadeira de toda e qualquer forma de poder é demonstrada melhor do que nunca; esta classe possui dentro de si grandes possibilidades para a formação de um movimento anarquista de massa. Militantes anarquistas organizados deveriam ir imediatamente, com toda força a seu dispor, encontrar-se com estas necessidades e possibilidades, de forma que elas não se degenerem em reformismo (‘menshevismo’).

Com a mesma urgência, anarquistas deveriam dedicar-se à organização dos camponeses pobres, que são esmagados pelo poder estatal, procuram uma solução para o problema e escondem um enorme potencial revolucionário.

O papel dos anarquistas no período revolucionário não pode ser restrito somente à propagação das linhas mestras das idéias libertárias. A vida não é só uma arena para a propagação desta ou daquela concepção, mas também, e da mesma forma, uma arena de luta, de estratégia, e de aspirações destas concepções na gestão da vida social e econômica.

Mais do que qualquer outro conceito, o anarquismo deveria se tornar o principal conceito de revolução, pois é somente dentro da base teórica anarquista que a revolução social pode ser bem sucedida na total emancipação trabalhista.

A principal posição das idéias anarquistas na revolução sugere uma orientação de acontecimentos direcionados pela teoria anarquista.

Contudo, esta força teórica condutora não deve ser confundida com a liderança política dos partidos estatais que levam, por fim ao Poder de Estado.

O anarquismo não aspira ao poder político nem à ditadura. Sua principal aspiração é ajudar as massas a tomar o caminho autêntico da revolução social e da construção do socialismo. Mas não é o bastante que as massas tomem o caminho da revolução social. É também necessário manter esta orientação de revolução e seus propósitos: a supressão da sociedade capitalista em nome dos trabalhadores livres. Como a experiência da revolução russa de 1917 nos mostrou, esta última tarefa está longe de ser fácil, principalmente por causa dos inúmeros partidos que tentam orientar o movimento para uma direção oposta à da revolução social.

Apesar de as massas se expressarem profundamente nos movimentos sociais, em termos de tendências e princípios anarquistas, estas tendências e princípios ainda permanecem dispersos, sendo descoordenados, e, consequentemente, não levam à organização da força condutora das idéias libertárias, a qual é necessária para a preservação da orientação anarquista e dos objetivos da revolução social. Esta força condutora teórica só pode ser expressada por um coletivo criado espe-

4. A democracia burguesa é uma das formas da sociedade capitalista

A base da democracia está na manutenção de duas classes antagônicas da sociedade moderna: a classe trabalhadora e a classe capitalista e sua colaboração na base da propriedade privada capitalista. A expressão desta colaboração é o parlamento e a representação governamental nacional.

Formalmente, a democracia proclama liberdade de fala, da imprensa, de associação, e a igualdade de todos perante a lei.

Na realidade, todas estas liberdades são de um caráter muito relativo: elas são toleradas somente enquanto elas não contestam os interesses da classe dominante isto é, a burguesia. A democracia preserva intacto o princípio da propriedade privada capitalista. Desta maneira, ela (a democracia) fornece à burguesia o direito de controlar completamente a economia do país, toda a imprensa, educação, ciência, arte - que de fato toma a burguesia senhora absoluta do país inteiro. Tendo um monopólio na esfera da vida econômica a burguesia também pode estabelecer seu poder ilimitado na esfera política. Em efeito o parlamento e o governo representativo nas democracias não passam de órgãos executivos da burguesia.

Consequentemente, a democracia é apenas um dos aspectos da ditadura burguesa, encoberta por fórmulas enganadoras de liberdades e garantias democráticas fictícias.

5. A negação do Estado e Autoridade

As ideologias da burguesia definem o Estado como o órgão que regulariza as complexas relações políticas, civis e sociais entre os homens na sociedade moderna, e protege a ordem e leis destes. Os anarquistas estão em perfeito acordo com esta definição, mas eles a completam afirmando que a base desta ordem e destas leis é a escravidão da grande maioria das pessoas pela minoria insignificante, e que é precisamente este propósito que é servido pelo Estado.

O Estado é simultaneamente a violência organizada da burguesia contra os trabalhadores e o sistema de seus órgãos executivos.

Os socialistas de esquerda, e em particular os bolchevistas também consideram o Estado e a Autoridade burgueses como empregados do capital. Mas eles mantêm que esta Autoridade e o Estado pode tornar-se, nas mãos de partidos socialistas, uma arma poderosa na luta pela emancipação do proletariado. Por esta razão, estes partidos são a favor de uma Autoridade socialista e um Estado proletário. Alguns querem conquistar poder através de meios parlamentares pacíficos (o social democrático), outros por meios revolucionários (os bolchevistas, os ‘sócio-revolucionários’ de esquerda).

O anarquismo considera estes dois fundamentalmente errados, desastrosos no trabalho pela emancipação dos trabalhadores.

A Autoridade sempre depende da exploração e escravidão da massa de pessoas. Ela nasce desta exploração, ou é criada dentro dos interesses desta explo-

ração. A Autoridade sem violência e sem exploração perde toda razão de ser (raison detre).

O Estado e a Autoridade tiram toda iniciativa das massas, matam o espírito de criação e atividade livre, cultivam nelas a psicologia servil de submissão, de expectativa, de esperança de escalar a escada social, de confiança cega em seus líderes, de ilusão de compartilhamento em autoridade.

Desta maneira, a emancipação do trabalho só é possível na luta revolucionária direta das vastas massas trabalhadoras e de suas organizações de classe contra o sistema capitalista.

A conquista do poder pelos partidos sócio-democráticos através de meios, pacíficos, sob as condições da ordem em vigor atualmente, não irá colaborar no progresso da tarefa de emancipação dos trabalhadores, pela simples razão de que o poder verdadeiro, consequentemente a autoridade verdadeira, permanecerá com a burguesia, a qual controla a economia e a política do país. O papel da autoridade socialista, neste caso, fica reduzido ao campo das reformas: o aprimoramento deste mesmo regime. (Exemplos: Ramsay MacDonald, os partidos democráticos da Alemanha, da Suécia, da Bélgica, os quais adquiriram poder numa sociedade capitalista.)

Mais ainda, tomar o poder através de uma revolução social e organizar um assim chamado “Estado proletário” não pode servir à causa autêntica de emancipação dos trabalhadores. O Estado, imediatamente e supostamente construído pela defesa da revolução, invariavelmente termina deturpado pelas necessidades e características peculiares a si mesmo, tornando-se ele mesmo a meta, produz castas específicas e privilegiadas, e, consequentemente, restabelece a base da Autoridade e do Estado capitalistas; a habitual escravidão e exploração das massas através da violência. (Exemplo: “o Estado operário-camponês” dos bolchevistas.)

6. O papel das massas e o papel dos anarquistas na luta social e na revolução social

As principais forças da revolução social são a classe trabalhadora urbana, as massas de camponeses e uma parte dos ‘pensadores trabalhadores’.

Observação: apesar de ser uma classe explorada e oprimida assim como os proletariados urbanos e rurais, os pensadores trabalhadores são relativamente desunidos se comparados com os trabalhadores e os camponeses, graças aos privilégios econômicos concedidos pela burguesia a alguns de seus membros. É por isso que, durante os primeiros dias da revolução social, somente a camada menos favorecida dos pensadores participou ativamente.

A concepção anarquista do papel das massas na revolução social e na construção do socialismo difere-se tipicamente daquele dos partidos estadistas. Enquanto o bolchevismo e tendências afins consideram que as massas possuem somente instintos destrutivos e revolucionários, sendo incapazes de realizar atividades criativas e construtivas - a principal razão pela qual a última atividade deve concentrar-se nas mãos dos homens que formam o governo do Estado do Comitê

Central do partido - os anarquistas, pelo contrário, acham que as massas trabalhadoras possuem enormes possibilidades criativas e construtivas inerentes, e os anarquistas desejam suprimir os obstáculos que impedem a manifestação destas possibilidades.

Os anarquistas consideram o Estado o principal obstáculo, que usurpa os direitos das massas e retira delas todas as funções da vida econômica e social. O Estado deve perecer, não “em algum dia” na sociedade vindoura, mas sim imediatamente. Deve ser destruído pelos trabalhadores no primeiro dia de sua vitória, e jamais deverá ser reconstituído usando qualquer outro tipo de falsa aparência. O Estado será substituído por um sistema federalista de organizações dos trabalhadores de produção e consumo, unidas federalmente e autogestionadas. Este sistema exclui tanto as organizações autoritárias quanto a ditadura de um determinado partido, qualquer que seja ele.

A Revolução Russa de 1917 demonstra precisamente esta orientação do processo de emancipação social através da criação do sistema de soviets de operários e camponeses e os comitês de fábrica. Seu triste erro foi não ter liquidado, em um momento oportuno, a organização de poder do estado: inicialmente do governo provisório, e em seguida do poder bolchevista. Os bolchevistas, aproveitando-se da confiança dos trabalhadores e dos camponeses, reorganizaram o estado burguês de acordo com as circunstâncias do momento e, consequentemente, mataram a atividade criativa das massas, através do apoio e da manutenção do estado: que sufocou o regime livre dos soviets e dos comitês de fábrica, o que havia representado o primeiro passo em direção à construção de uma sociedade socialista não-estatal.

A ação dos anarquistas pode ser dividida em dois períodos, um antes da revolução, e outro durante a revolução. Em ambos, os anarquistas só podem satisfazer seu papel como uma força organizada e se possuírem uma concepção clara dos objetivos de sua luta e os caminhos que levam à realização destes objetivos.

A tarefa fundamental da União Geral dos Anarquistas no período pré-revolucionário deve ser a de preparar os operários e camponeses para a revolução social.

Negando a democracia formal (burguesa), a autoridade e o Estado, proclamando a total emancipação trabalhista, o anarquismo enfatiza ao máximo os rigorosos princípios da luta de classe. Isto atenta e desenvolve nas massas consciência de classe e a intransigência revolucionária da classe.

E precisamente em direção à intransigência de classe, ‘anti-democratismo’, anti-estadismo’ das idéias do anarco-comunismo que a educação libertária das massas deve ser direcionada, mas a educação em si não é o suficiente - É também necessária uma certa organização da massa anarquista - Para realizar isto, é necessário trabalhar em dois sentidos: por um lado, trabalhar em direção à seleção e agrupamento de forças revolucionárias de trabalhadores e camponeses levando em conta uma base libertária comunista teórica (uma organização especificamente libertária comunista); por outro lado, em direção à um reagrupamento de trabalhadores e camponeses revolucionários baseado em uma economia de produção e consumo (trabalhadores e camponeses revolucionários organizados em volta da